

### Redes Sociais: Use-as com Moderação

No podcast do UOL, Fora da Curva, com Monique Evelle e a convidada Iza Dezon, especialista em tendências e, devido a sua tendência curiosa, se especializou em seres humanos e transformar esta especialização no auxílio do processamento criativo de empresas, por 10 anos. Para entender e sanar as dúvidas, a Iza foi chamada ao podcast para falar sobre tendências. O primeiro passo da conversa foi identificar que há um real problema em excessos de consumos tecnológicos e como é estranho esta adaptação, principalmente quando forçada, por meio da pandemia. Portanto, com intuito de evitar esta sensação de desespero, tratamos o problema, por meio da economia da atenção, sabendo que este consumo aumentará ao longo prazo. Para Iza, a tecnologia será como o cigarro, no futuro, com a intenção de dizer que o uso excessivo nos traz problemas de saúde, tanto físicos quanto mentais, assim como o cigarro, que já foi muito comum o uso entre adultos e, hoje em dia, possuímos estudos suficientes do quão mau ele pode ser para o organismo. Desta forma, pelos causos trazidos pela pandemia, o tema de saúde mental nunca foi tão comentado diante as pessoas, e a banalização do assunto cada vez diminui, dada a relevante importância do assunto para com a sociedade.

Em seguida, o tópico do cancelamento em redes sociais foi abordado. A pergunta dada a Iza foi como ela acha que será esta cultura do cancelamento daqui para frente, ela persistirá ou continuará presente no mundo das redes sociais. Para Iza, o primeiro passo é ter responsabilidade e consciência em onde estamos colocando e divulgando aquela informação, tendo certeza que aquilo seja autêntico por olhares plurais, além disso, esta experiência foi feita por ela e seus alunos em análises de grandes empresas com tentativas de publicidades fracassadas, usualmente por um problema de visão plural, chegando ao cancelamento das mesmas. Ela também diz que, da mesma forma em que a empresa ou a marca tem a responsabilidade de expressar e conversar com a maioria das pessoas, o público também deve arcar com a responsabilidade de saber o que está falando na rede social, dado que a experiência nela não é espontânea como ligar ou conversar com alguém ao vivo, existe um tempo para discernir o que está sendo falado. Também foi mencionado que o cancelamento não pode ser levado como uma “morte simbólica” pelas pessoas, não há justiça na morte e, parafraseando Evelle, “Se matamos todos os bandidos, vai sobrar os assassinos”.

Continuando, Dezon comenta que tem dias em que se permite sentir raiva e ódio, pois são sentimentos naturais de um ser humano (não só de mulheres negras, como ela mesma menciona, reprimindo este estereótipo de viés racista) e devem ser expostos e devem ser permitidos, principalmente na situação atual. E, como gancho, Evelle indaga se, em alguns momentos, utilizamos este tipo de lógica para justificar situações de agressividade por via da internet e tornaria parte da população “má”. Para responder, Dezon diz que acredita nos seres humanos, senão não trabalharia em sua área, e acha que os dois lados podem correr ao mesmo tempo: melhoraremos certos pontos enquanto perdemos em outros. A certeza é que, agora, podemos ajudar uns aos outros enquanto estamos no conforto de um sofá, demonstrando otimismo na situação.

No bloco seguinte, foi discutido que, com a presença das redes sociais, os introvertidos conseguiram conquistar seus lugares de fala que, no mundo sem pandemia, era de posse dos extrovertidos, onde Dezon afirma que existe, ainda, a supervalorização do extrovertido. Ela, portanto, diz que seu estudo atual é baseado no que seria um trabalho coletivo, afirmando que grupos não devem ser compostos por apenas pessoas extrovertidas com perfis de liderança, dando a importância a outros tipos de comportamento sociais que ajudam a somar em um trabalho coletivo. Na transição do assunto, foi mencionada a empatia e se esta continuará presente em nossas vidas após a pandemia e, segundo Dezon, estamos vivenciando um surto de empatia e que esta sensação diminuirá ao longo do fim da situação em que vivemos, mas que é importante entender o quão importante é se sensibilizar para com os outros, como estamos fazendo. Para finalizar, Evelle indaga sobre qual seria a predição a respeito da solidariedade e se esta continuará conosco em momentos futuros pós-pandemia. Dezon, portanto, diz que estamos caminhando para a corresponsabilidade, ou seja, o futuro está a quem quiser construí-lo. Para espalhar a “corrente de positividade”, devemos fazê-lo por meio do nosso esforço individual, fomentando a ideia para os microcosmos também entenderem seus papéis, e a intersecção destes também ajude a espalhar a positividade, otimismo e respeito ao próximo, sempre lembrando que isto só será alcançado se você for fazê-lo e não esperar que alguém o faça por você.